

Máfia colombiana no DF

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press

» RODOLFO COSTA

A Polícia Civil do DF prendeu ontem 17 colombianos acusados de praticarem crimes de **usura**, extorsão e formação de quadrilha. O grupo emprestava dinheiro a juros de 20% do valor total do empréstimo, que deveria ser pago em 20 dias. A cada R\$ 10 mil, os agiotas cobravam, diariamente, de segunda-feira a sábado, R\$ 600 por dia, o equivalente a 6% de juros. Quando o retorno não era obtido, os colombianos ameaçavam e, ocasionalmente, agrediam os devedores — a maioria das vítimas era pequenos empresários das feiras populares da capital (leia Como a quadrilha agia).

Intitulada **Operação Bacrim** pela Coordenação de Repressão aos Crimes Contra o Consumidor, a Ordem Tributária e a Fraudes (Corf), a investigação começou em novembro depois de a polícia receber dezenas de denúncias anônimas. “No início, acreditávamos que o dinheiro vinha da Colômbia para patrocinar o crime de extorsão no Brasil, mas o que constatamos foi o contrário. O dinheiro era captado aqui e encaminhado para lá”, detalha o delegado Jefferson Lisboa, coordenador da ação.

Segundo o chefe da Corf, os presos alegam que, na Colômbia, esse tipo de atuação é legal. “Porém, aqui, não é. Eles podem dizer o que quiserem, mas a nossa legislação não permite”, alerta. Somadas as penas, a quadrilha pode pegar até 20 anos de prisão. Após o cumprimento, eles serão expulsos do país. “Possivelmente, os crimes vinham sendo cometidos há mais de um ano, mas de maneira discreta, com poucas pessoas trabalhando. Temos informações de que o grupo desmantelado aqui, no Distrito Federal, é só uma célula de uma organização criminosa espalhada no país”, afirma Lisboa.

Na capital piauiense, Teresina, outro grupo de colombianos é suspeito de ter obtido mais de R\$ 300 mil em dois meses, entre setembro e outubro do ano passado. “Os que atuavam no DF tinham um movimento semelhante ao registrado em Teresina, mas mensal. Não há dúvidas de que, desde o início da operação, eles tenham obtido valores superiores a R\$ 1 milhão”, acrescenta o delegado.

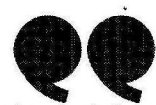
Segundo ele, o esquema colombiano também está no Ceará, no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Salvador e em Minas Gerais. Mas há informações veiculadas na internet, desde agosto do ano passado, de cri-

Abuso

O crime se enquadra em cobranças de juros, comissões ou descontos percentuais sobre dívidas em dinheiro superiores à taxa permitida pela legislação. A pena prevista é de seis meses a dois anos de prisão.

Atividades ilegais

Bacrim é uma abreviação de bandas criminais (grupos criminosos), termo de origem colombiana. Faz referência a uma organização que se formou em 2006, durante o governo do ex-presidente Álvaro Uribe, após a desmobilização da AUC (Autodefesas Unidas da Colômbia), iniciativa paramilitar para combater as Farc. Os bacrim herdaram diversas atividades ilícitas como narcotráfico, mineração ilegal, extorsão, mas não lutam contra grupos guerrilheiros.



No início, acreditávamos que o dinheiro vinha da Colômbia para patrocinar o crime de extorsão no Brasil, mas o que constatamos foi o contrário. O dinheiro era captado aqui e encaminhado para lá”

Jefferson Lisboa,
delegado

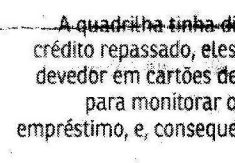


A polícia prendeu 17 colombianos, sendo 16 homens e uma mulher: suspeita de movimentação de pelo menos R\$ 1 milhão no Distrito Federal

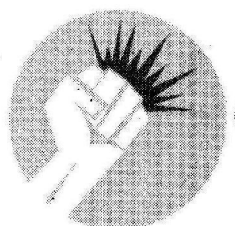
Como a quadrilha agia



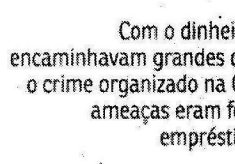
Os criminosos percorriam locais como a Feira dos Importados, a Feira do Guarã e a Feira dos Goianos oferecendo empréstimos de baixo valor, de **R\$ 1 mil a R\$ 10 mil**. Nesses locais, encontravam empresários endividados, que aceitavam as condições abusivas das negociações, com juros de 6% ao dia.



A quadrilha tinha dinheiro na mão. Após o crédito repassado, eles colocavam o nome do devedor em cartões de controle, que serviam para monitorar o período de tomada do empréstimo, e, consequentemente, para cobrar os devedores.



Parte dos integrantes do grupo tinha a responsabilidade de direcionar os operadores, ou seja, os criminosos que faziam pessoalmente as cobranças aos comerciantes. Os devedores recebiam ameaças e chegavam até a serem agredidos, esquema muito usado nos anos 1970.



Com o dinheiro do crime, os agiotas encaminhavam grandes quantias para financiar o crime organizado na Colômbia. Enquanto as ameaças eram feitas às vítimas, outros empréstimos eram concedidos.

mes semelhantes envolvendo pessoas da Colômbia suspeitas de agiotagem em Natal, em Macaio e no Amazonas. Na capital do Rio Grande do Norte, a polícia local recebeu a denúncia de uma senhora, que alegou ter recebido ameaças por causa de uma dívida. No último dos casos, de dezembro, quatro colombianos foram presos, sendo dois deles ex-integrantes das Farc.

Agressões

O titular da Corf compara o esquema dos colombianos ao de mafiosos do século passado,

principalmente dos anos 1970. “A máfia alegava que fazia cobranças baseadas em um serviço de segurança para comércios. Apresentava pequenos valores pelo serviço e fazia cobranças. Inicialmente, começava com ameaças e, caso não recebesse o dinheiro, chegava a espancar as vítimas.”

A polícia prendeu em flagrante 16 homens e uma mulher. O grupo atuava no Distrito Federal e no Entorno. Preferiam pequenos empresários e comerciantes, donos de lojas de rua e de quiosques na Feira do Guarã, na Feira dos Impor-



Com o grupo, os investigadores encontraram panfletos e R\$ 100 mil

tados e na Feira dos Goianos, em Taguatinga. “Por meio de panfletos, alguns deles iam de porta em porta oferecendo empréstimos para várias pessoas. Outros eram encarregados de tomar o dinheiro. Eles usavam cartões, nos quais anotavam o controle dos juros e, assim, acreditavam ser mais fácil fazer a cobrança”, conta Lisboa.

Os investigadores também detiveram o suspeito de ser o chefe da quadrilha, Alexander Poyo Solapo, 34 anos. A mulher dele, Yuliana Serrano Velasquez, 28, era uma das responsáveis por receber telefonemas, prestar informações e direcionar os chamados operadores, homens que emprestavam o dinheiro e faziam a cobrança. A quadrilha usava uma casa no Setor Habitacional Arniqueiras como escritório. “Eles não tinham ponto fixo. Contudo, consideravam o local como uma espécie de quartel-general”, revela o delegado. Além desse imóvel, eles alugavam três apartamentos, em Águas Claras, e um flat, em Taguatinga.

Dinheiro e motos recolhidos

Com os estrangeiros, a polícia apreendeu mais de R\$ 100 mil em espécie, US\$ 7 mil, 230 mil pesos colombianos, 14 motos, pequenas porções de maconha e cartões de controle dos empréstimos. “Apesar de a quantia parecer grande, é irrisória, se comparada ao montante que depositavam na Colômbia. Eles mantinham esse valor apenas para operarem no DF e não perderem dinheiro para uma possível ação policial, como ocorreu hoje (ontem)”, explica Lisboa.

Prisão preventiva

Apesar das prisões, o delegado garante que a operação terá sequência. “As investigações continuam. A tendência é continuar prendendo pessoas que continuem a cometer esse tipo de crime, tendo em vista que a identificação deles é extremamente complicada. Como agem em várias unidades da Federação, caso fiquem queimados em uma região, migram para outra”, diz. “Sabemos que, infelizmente, um deles foi para a Colômbia dias atrás, onde certamente mora o líder da organização. Essa pessoa, provavelmente, saiu do país com o intuito de levar dinheiro, mas pedimos a prisão preventiva. Mesmo que esteja fora, o mandado será cumprido em caso de retorno ao Brasil”, encerra o delegado.